

HOMENAGEM AO DR. JOSÉ BARATA

(no II Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Psicossomática)

António Coimbra de Matos

Já não vivemos num mundo de “luta pela sobrevivência”, aquele em que nasceu – e assim o definiu – Charles Darwin. Lutava-se então – como ainda o presenciei – por um fio de água para regar a horta ou um palmo de terra para plantar a vinha; mas também se dava o lume de casa em casa para poupar fósforos.

Hoje vivemos num mundo de ganância, consumo e desperdício, no qual a competição tudo abarca e a colaboração é mafiosa. Esfumam-se os laços vinculativos – que transportam o fogo sagrado do amor – e a aliança reduz-se à colusão para lixar – e linchar – um terceiro. É uma luta por sofreguidão e para domínio: pela ostentação do luxo, a conquista do poder e a exibição do prestígio. Luta-se, ou irá lutar-se, pela água do planeta – para construir mais e mais campos de golfe, jardins exóticos, fontes monumentais, piscinas com infusão de rosas onde se banham estrelas e astros do espectáculo global, balneários com poção de malvas para a plêiade crescente de portadores das maleitas da esfregação e redes e redes de espelhos de água platinada nas margens dos quais se passeiam os meganarcisos em ascensão; que tanta água é precisa para os enlouquecidos na luta pelo poder mitigarem o stress, entreterem o tédio e buscarem sentido para o não sentido das suas existências, pessoais e colectivas.

Mas há ainda quem, neste vórtice de loucura, reme contra a corrente, lutando, com determinação e vigor, por uma vida honesta, amizade leal, valores incorruptíveis, ideais acima de toda a controvérsia. O Dr. José Barata, pela sua cultura democrática, humildade científica, dignidade humana e compleição ética é – para todos nós – o exemplo e a referência: um Homem – vertical, jamais titubeante, apenas entendedor das humanas fragilidades, mas também das magníficas virtualidades de tudo que é gente, sente e pensa.

Ouvimos falar do Professor X, do Presidente Y, do Funcionário de letra A ou do Comendador de categoria alfa quando precisamos de uma cabeça para cartaz; mas se queremos alguém em quem confiar ou a quem entregar outro alguém, surge-nos logo o Zé Barata. Não é o doutor, o psicanalista, o psiquiatra; é O Barata – único, insubstituível, o melhor e o preferido.

Não sei bem o que significa para ele próprio ser “O Barata”; eu sei e todos nós sabemos: a pessoa de confiança absoluta.

De barbas ou sem barbas, convicto ou soletrante, um pouco mal vestido quase sempre, é, em qualquer circunstância, a pessoa íntegra e inteira; que pode não resolver o nosso problema, mas jamais nos desilude: faz o que consegue e não promete o que não pode.

Ontem, a propósito do agente patogénico da doença alexitímica, glosei sobre o “chato-padrão”; hoje temos aqui – ao meu lado e à vossa frente – o padrão da dignidade humana.

Esta é a verdade primeira e última – primi e teleológica: para além do cientista rigoroso e do clínico arguto, José Barata é o Homem que todos desejaríamos e ambicionamos ser. É portanto com orgulho, respeito e muita amizade que hoje homenageamos o Dr. José Barata – a alma e o grande pilar desta Sociedade.

António Coimbra de Matos

11.03.2006